

## **Novas possibilidades de experimentos em Psicologia Social: Advento do mundo virtual<sup>1</sup>**

*New possibilities for experiments in Social Psychology: The  
emergence of the virtual world*

Thiago Rafael Santin<sup>2</sup>, Rafael Moura Coelho Pecly Wolter<sup>2</sup>, Ana Clara Lopes Reis<sup>2</sup>,  
Heloisa Maria Silva e Silva Pinto<sup>2</sup>, Álvaro Rafael Santana Peixoto<sup>3</sup>, Aliny Drago  
Marianelli<sup>2</sup>

**RESUMO:** O mundo virtual está consolidado como palco de numerosas atividades, redes de contato e formas de socialização. Esses fenômenos virtuais são investigados em diversas áreas, como a psicologia social. Por conta da pandemia de Covid-19, diversas atividades, inclusive acadêmicas, como aulas e pesquisas, migraram para o mundo virtual, exigindo adaptações. Neste artigo explora-se esse quadro social recente, trazendo como exemplo um estudo experimental online em psicologia social desenvolvido durante a pandemia. O objetivo é apresentar a adaptação deste consagrado método para o mundo virtual. O método experimental é caracterizado brevemente, discute-se sobre as concepções de mundo real e virtual e suas perspectivas em pesquisas sociais. Detalha-se o estudo experimental conduzido, analisa-se suas especificidades e características positivas e negativas. Conclui-se buscando propor reflexão sobre o potencial de uso do método experimental, bem como o papel do mundo virtual nas pesquisas em psicologia social, que parece ser um caminho sem volta.

**Palavras-chave:** Psicologia Social; Metodologia; Métodos experimentais; Experimento social; Experimento virtual.

**ABSTRACT:** The virtual world is consolidated as a stage for numerous activities, contact networks, and forms of socialization. These virtual phenomena are investigated in various fields, such as social psychology. Due to the Covid-19 pandemic, many activities, including academic ones such as classes and research, have migrated to the virtual world, requiring adaptations. This article explores this recent social landscape, using an online experimental study in social psychology conducted during the pandemic

---

<sup>1</sup> A pesquisa foi financiada por meio de bolsas de doutorado e iniciação científica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES).

<sup>2</sup> Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

<sup>3</sup> Universidade Estácio de Sá (UNESA/RJ)

as an example. The goal is to present the adaptation of this established method to the virtual world. The experimental method is briefly characterized, discussing concepts of the real and virtual worlds and their perspectives in social research. The conducted experimental study is detailed, analyzing its specificities and positive and negative characteristics. The conclusion seeks to propose reflection on the potential use of the experimental method, as well as the role of the virtual world in social psychology research, which appears to be an irreversible path.

**Keywords:** Social Psychology; Methodology; Experimental Methods; Social experimente; Virtual experiment.

### **Experimento: Um método nas raízes da Psicologia Social**

Os métodos de pesquisa são com frequência alvos de debates e questionamentos nas diferentes áreas científicas e acadêmicas, notadamente em disciplinas marcadas pelo empirismo. Dentro da psicologia, tal tensão se mantém ativa muitas vezes por trás da dicotomia entre pesquisa qualitativa e quantitativa. Algumas áreas da psicologia, como a neuropsicologia ou a psicometria, utilizam majoritariamente métodos considerados quantitativos. A psicologia clínica, em geral, se situa no outro polo, ou seja, na vertente dos métodos considerada qualitativa.

Muitas vezes pesquisadores interessam-se por relações entre fenômenos, algumas vezes tratados como variáveis. Um exemplo disso situa-se na pesquisa de Schachter (1959) acerca das relações entre estresse e afiliação. Mais precisamente, ele demonstrou que o estresse (variável 1) leva as pessoas a se aproximarem (variável 2). Poderíamos multiplicar os verbos utilizados para descrever o estudo de Schachter (1959): levar a, ter efeito sobre, influenciar. O que importa é que se trata de uma relação causal que é o cerne do método experimental, em questão no presente artigo.

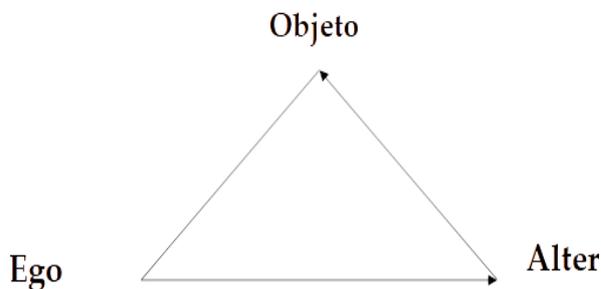
Os experimentos centram-se nos efeitos de causalidade, nos quais uma variável controlada (Variável Independente – VI) tem efeito em outra variável que é mensurada (a variável Dependente – VD). Em consequência, dentro de um quadro experimental, o

pesquisador observa o efeito da VI na VD e, segundo Drozda-Senkowska (2015), um fenômeno considerado como causa (FC) deve necessariamente anteceder a aparição do fenômeno objeto do efeito (FE). Seria o que os filósofos chamam de constância de sucessão. Segundo Wagner (1994), a sucessão, junto da relação de implicação entre FC e FE, constitui uma explicação causal modal. Isso quer dizer que a ocorrência de FE é explicada pela ocorrência do fenômeno antecedente FC, e que a não ocorrência de FC não produz o mesmo fenômeno FE (Wagner, 1994).

A Psicologia Social, como descreveu Moscovici (1984), não se caracteriza por algum tipo de método ou técnica e sim por ter um olhar em três dimensões, no qual o pesquisador se interessa pela tríade *Ego*, *Alter* e Objeto. A Psicologia Social definir-se-ia, então, por ser uma forma de se abordar os fenômenos na qual o pesquisador leva em conta a mediação realizada pelo *Alter*, para estudar a relação entre o *Ego* e o Objeto. Em outras palavras, para compreender como as pessoas se relacionam com o mundo à sua volta (os objetos), o psicólogo social insere a alteridade, a relação das pessoas com os outros e a relação destes outros com o objeto.

### Figura 1

*Olhar ternário descrito por Moscovici (1984)*



Fonte. Adaptado de Moscovici (1984).

Pesquisas com o olhar ternário descrito por Moscovici (1984) podem utilizar grande variedade de técnicas de coleta de dados (das entrevistas aos testes), de análises (de conteúdo, discursiva, fatorial) e uma multitude de procedimentos. Dentre os

métodos utilizados, o experimental possui um lugar de destaque na produção científica da área. Desde o trabalho de Norman Triplett (1898) acerca da facilitação social, muitas pesquisas paradigmáticas foram experimentais. Citar todos os exemplos seria inviável, tal a variedade de pesquisas, mas há pesquisas em áreas distintas, tanto influência social (Sherif, 1937; Asch, 1951), identidade social (Tajfel, 1970), quanto representações sociais (Abric, et al., 1967).

Neste artigo objetiva-se apresentar o método experimental em psicologia social adaptado e conduzido em ambientes virtuais, trazendo como exemplo um estudo desenvolvido durante o início da pandemia de Covid-19. Os ambientes virtuais tornaram-se cada vez mais presentes nos estudos de psicologia social. O mundo virtual, como será apresentado no próximo tópico, vem sendo objeto e contexto de estudos psicossociais. Em seguida, apresenta-se a adaptação deste consagrado método para o mundo virtual.

### **Mundo *online* e virtual na sociedade de hoje**

A sociedade transformou-se após a revolução tecnológica contemporânea. O foco era uma economia baseada na produção de bens e a base do novo modelo passou a ser a informação e o conhecimento. No pensamento do sociólogo Alain Touraine, esse novo formato de sociedade tecnocrata é programado para perpassar todos os níveis sociais, econômicos e políticos e criar dependência da tecnologia no cotidiano (Rocha, Jucá & Silva, 2019). No pensamento do sociólogo Manuel Castells, as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) já fazem parte de todos os âmbitos da vida individual e coletiva. O diferencial da produção das TICs vem do aprimoramento que permite seu desenvolvimento em rede em âmbito global, trazendo modificações nos comportamentos e nas relações das pessoas, criando imersão na cultura digital (Rocha, Jucá & Silva, 2019). Dessa forma, percebe-se a intensificação da virtualidade no

cotidiano da população, um fenômeno que abarca muitos níveis e que se tornou indissociável da vida social, promovendo desde encadeamentos geográficos a psicológicos (Beserra, 2019).

No ano de 2021, 81% dos brasileiros declararam ter acesso à *internet*, seja por meio de *smartphone* ou computador. Isso indica aumento de 7% em relação ao ano anterior, segundo a Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros – TIC domicílios 2021, realizada pelo Comitê Gestor da *Internet* no Brasil (2022), o que demonstra o crescimento da inserção das relações do mundo social em meio digital. Nas últimas décadas, com a popularização do acesso às tecnologias e, conseqüentemente, com a crescente integração do uso da *internet* nas tarefas diárias, o mundo virtual, isto é, o ambiente socialmente construído para a interação tecnológica, tornou-se espaço de relações sociais, profissionais e educacionais (Rosa, Santos & Faleiros, 2016).

Em 2020, com a pandemia de Covid-19, as relações humanas passaram por mudanças (Cucinotta & Vanelli, 2020). Devido a impossibilidade de encontros presenciais, a *internet* tornou-se o ambiente para a continuidade e manutenção de relações que não eram comuns neste âmbito. A transposição de ambientes como sala de aula, escritório, e muitos outros, foi desafiadora em diversos aspectos, dependendo fortemente de alterações nas formas que ditavam o modo como as interações sociais se davam. Além disso, foi necessário repensar o mundo virtual para adaptar diversas atividades sociais.

O mundo virtual, configurando-se em ambiente de trocas sociais e interpessoais, é também campo de interesse para os estudos psicossociais (Oliveira et al., 2017). A evolução do mundo virtual e a gradual familiarização com a *internet* permitiram à sociedade novas configurações: aproximações e coexistência entre os mundos real e

virtual. Esse novo arranjo passou a ser estudado pelo meio acadêmico de duas formas simultaneamente antagônicas e limitantes entre si: de um lado, separa-se o mundo real do virtual, de outro, entende-os como concomitantes. Assim, ora há o reconhecimento das especificidades de cada universo, ora se anulam suas relações (Rosa, Santos & Faleiros, 2016).

De acordo com Oliveira et al. (2017), o virtual e o real não se opõem, pelo contrário, constroem-se e transformam-se a partir das práticas sociais presentes nessa relação. Dessa forma, a interação do mundo real com o virtual torna-se fonte de interesse para a psicologia social, seja como meio ou como campo de pesquisa. Portanto, há muitas possibilidades que o mundo virtual oferece para novas experiências em pesquisa, especialmente na psicologia social.

### **Exemplo de experimento em Psicologia Social**

Considerando o desenvolvimento do mundo virtual como parte do mundo social, é possível tomá-lo como objeto, meio de estudo ou ambos. No estudo de exemplo apresentado neste artigo, foi tomado como meio de pesquisa. Esse estudo consistiu em um experimento social online conduzido em uma sala virtual. Nesta seção, apresentaremos o contexto do seu desenvolvimento e detalharemos seu delineamento e operacionalização.

#### **Contexto**

Inicialmente, o experimento foi planejado para ser feito em uma sala física na universidade, com interação presencial e uso velado ou encoberto de comparsas do pesquisador (cúmplices ou confederados), alinhado aos experimentos clássicos de influência social, como os de conformidade de Asch (1951) e os de inovação minoritária de Moscovici (Moscovici, Lage & Naffrechoux, 1969). Entretanto, a pandemia de Covid-19 ocorreu e a maioria das atividades tornou-se *online*, especialmente as aulas.

Havia, assim, o desafio de como colocar pessoas para interagir em um experimento social durante uma pandemia que exigia isolamento social – a solução estava no mundo virtual.

Assim como algumas pesquisas feitas com questionários *online*, nos aventuramos no reino virtual, porém com uma proposta de interação. Para tal, desenvolvemos um cenário experimental composto por dois tipos distintos de interação – as induções experimentais, níveis de variável independente. O experimento empregou um cenário social de discussão em grupo com participantes, e em algumas condições comparsas do pesquisador, realizada numa sala virtual da plataforma *Google Meet*, consistindo em 18 sessões de cerca de uma hora cada. A plataforma atendeu as necessidades do estudo de permitir ao pesquisador apresentar conteúdo (instruções e perguntas de pesquisa) ao mesmo tempo em que os participantes podiam interagir verbal, visual e textualmente.

## **Método do estudo de exemplo**

### ***Delineamento***

O experimento teve duas Variáveis Independentes (VIs) principais: tipo de confronto e status da ideia. A primeira consiste nos tipos de confronto, a configuração da interação entre a minoria e os participantes, i.e., o estilo de comportamento informacional ou normativo (Moscovici, 2011; Prislin, 2017). A segunda consiste no *status* das ideias apresentadas aos participantes em relação ao seu curso de graduação: não estrutural (“slides” e “sucesso”), periférico (“esforço” e “ansiedade”), ou central (“estudo” e “conhecimento”). Dois níveis, um de cada VI, sem confronto e não estrutural, respectivamente, foram as condições sem manipulação experimental, próximos a uma condição controle, formando tanto um grupo experimental (do total de três) sem comparsas, quanto um nível sem manipulação de *status* da ideia para todos os

grupos, a fim de comparar o desempenho de seus participantes com aqueles das condições e níveis experimentais.

A primeira VI consistia no confronto entre as comparsas (cúmplices do pesquisador) sobre as perguntas apresentadas, por meio de respostas previamente combinadas em que a primeira comparsa, no papel de maioria ideológica (respostas típicas ou hegemônicas) era confrontada pelas segunda e terceira comparsas, ambas no papel de minoria ideológica (respostas alternativas ou subalternas). Assim, a indução velada dos grupos experimentais era haver ou não confronto, bem como o tipo de confronto que era exibido aos participantes (sem seu conhecimento prévio). O pressuposto era que o confronto testemunhado geraria influência, mudança nas respostas dos participantes, no sentido de seguirem as comparsas minoritárias, comparativamente ao grupo sem comparsas.

Desenvolvemos, portanto, um delineamento experimental 3x3, duas VIs com três níveis cada (VI 1. Tipo de Confronto: sem confronto X confronto informacional X confronto normativo e VI 2. Status da Ideia: não estrutural X periférico X central), sendo a primeira entre grupos experimentais (*between groups*), separando participantes sem repetição, e a segunda dentro dos grupos (*within groups*), com medidas repetidas (dimensões de influência em medidas público-privada e imediata-postergada). Havia dois conjuntos de Variáveis Dependentes (VDs), consistindo nas medidas de influência direta e indireta e medidas complementares para ampliar a avaliação do fenômeno, bem como para aprimorar a confiabilidade das induções experimentais.

### ***Recrutamento***

Todos os participantes foram convidados pelo pesquisador por meio de redes sociais, especialmente em grupos de estudantes de psicologia no *WhatsApp*, *stories* e mensagens diretas no *Instagram*, em postagens no *Facebook* e por correio eletrônico.

Alguns professores universitários também convidaram seus estudantes, compartilhando e explicando a relevância da pesquisa.

O convite foi feito para qualquer estudante de graduação em psicologia no Brasil com 18 anos de idade ou mais, em qualquer instituição e estágio do curso. Os participantes foram informados que a pesquisa era sobre o pensamento social de estudantes de graduação em relação ao seu curso, com perguntas de opinião em uma conversa em grupo *online*. Foi usada um folheto digital para compartilhar o convite, com os endereços de contato com um clique (*link*), para facilitar aos participantes contatar o pesquisador. No contato direto com possíveis participantes era enfatizada a necessidade de dispor de cerca de uma hora para a pesquisa, bem como de conexão de internet, microfone e câmera, além da importância de um ambiente tranquilo para realizar uma conversa em grupo.

### ***Participantes***

Participaram no estudo N = 105 estudantes de graduação em psicologia (68,6% mulheres) com média de idade de 23,4 anos (DP = 5,3 anos, mediana = 22 anos), convidados por conveniência por redes sociais e indicações de participantes e professores universitários. Os participantes foram designados a uma das três diferentes condições experimentais da VI 1 entre grupos (sem confronto/“controle”, confronto informacional e confronto normativo) alternadamente por ordem de aceitação, formando grupos de 6 a 8 pessoas, independente de quaisquer características pessoais. Os grupos com induções experimentais (confronto informacional e confronto normativo) foram compostos por 3 comparsas mais 3 a 5 participantes. Os três grupos tiveram o mesmo número de participantes (n = 35) no estudo.

### ***Procedimento***

Os dados foram coletados de modo *online* em todo o estudo em três fases distintas. O pesquisador recebia os participantes, e as comparsas nos grupos com induções experimentais (VI 1), na sala virtual, mostrava um slide de exemplo explicando a dinâmica da pesquisa: leitura de cada uma das seis perguntas com a ideia sobre sua pertinência com o curso (VI 2) e pedido de resposta em ordem fixa conforme a entrada (sendo as comparsas sempre primeiro). Após, envio de *link* da segunda fase de coleta, espera de tempo para respostas privadas, e encerramento público coletivo com esclarecimento pós-coleta (*debriefing*) sobre o procedimento encoberto e emprego de comparsas velados.

A primeira fase da coleta foi síncrona e pública, consistiu nas respostas verbais durante a fase de interação coletiva na sala online do *Google Meet*. Os materiais utilizados foram slides com as questões mostrando seis ideias relacionadas a graduação (VI 2) na pergunta sobre sua relação de pertinência, a resposta com a escala de 10 pontos (VD principal pública) e o pedido de justificção. As comparsas respondiam sempre primeiro, seguidas dos demais participantes em ordem fixa, chamados pelo pesquisador.

A segunda fase foi síncrona e privada, consistiu em um questionário dado por meio de *link* no chat da sala do *Google Meet* imediatamente após a primeira fase de interação – ou seja, após responderem às perguntas na conversa pública na sala virtual, respondiam a um formulário de forma privada. O formulário foi feito com o Google Formulários e tinha as mesmas seis perguntas sobre a relação das seis ideias (VI 2) com o curso, suas respostas consistindo na VD privada.

A terceira e última fase da coleta foi assíncrona e privada, consistiu na medida postergada de parte do questionário da segunda fase. Ele foi enviado direta e individualmente por correio eletrônico e redes sociais aproximadamente seis meses após



Adicionalmente às questões principais, o primeiro questionário continha uma escala de interação entre pares (Fior, Mercuri & Almeida, 2011), bem como questões indiretas de influência, de avaliação de imagem de participantes, confiabilidade da pesquisa e sociodemográficas.

### **Indução experimental: o desafio do cenário virtual**

O desafio inicial era desenvolver um cenário que funcionasse na sua indução experimental. O objetivo era produzir mudança no pensamento de grupo por meio do confronto na interação das comparsas (cúmplices do pesquisador), que desempenhavam o papel de maioria (respostas hegemônicas) e de minoria ideológica (respostas alternativas). Foi criado um roteiro de respostas das comparsas representando ambas o pensamento hegemônico da maioria e o pensamento alternativo da minoria. Os roteiros usaram ideias presentes na estrutura representacional do pensamento do grupo, anteriormente investigadas (Wolter et al., 2023), relacionadas às seis escolhidas na operacionalização da VI 2 (Status da Ideia), para compor a explicação dada pelas comparsas para suas respostas na escala.

A indução experimental foi executada em procedimento ilustrado na Tabela 1.

#### **Tabela 1**

*Esquema do procedimento de indução experimental na interação do estudo com exemplos de respostas das comparsas*

<b>Ideia apresentada (VI 2)</b>	<b>Ordem de respostas na sessão experimental</b>			
	Comparsa 1 maioria hegemônica	Comparsa 2 minoridade alternativa	Comparsa 3 minoridade confrontante	4 a 6 participantes
Ideia 1	Eu dou 1, penso que (ideia 1) é fundamental ...	Número 8, eu discordo, penso que (ideia alternativa) é que é a certa ...	Voto no 9, pois discordo da posição de Fulana [comparsa 1], não é bem assim ...	[respostas dos participantes]

Ideia 2	Escolho 2, acredito que (ideia 2) é importante ...	Vou no 9, penso diferente, (ideia alternativa) é a única relevante ...	Eu voto 10 e discordo da Fulana [comparsa 1], quem fala isso nem parece que faz psicologia ...	[respostas dos participantes]
---------	--	--	--	-------------------------------

*Nota.* as ideias são apresentadas aleatoriamente conforme a VI 2 – Status da Ideia:

central (“estudo” e “conhecimento”), periférica (“ansiedade” e “esforço”) e não estrutural (“sucesso” e “slides”).

Fonte: Os autores.

A comparsa majoritária era a primeira a responder, sempre com um número extremamente baixo na escala de dez pontos (1 ou 2) e explicava por que ela discordava com a ideia apresentada na pergunta (que tinha o formato de questionar a ausência de relação entre a graduação em psicologia e a ideia apresentada), indicando que para ela havia relação entre a ideia e a graduação. Depois disso vinham as duas comparsas no papel de minoria ideológica. A segunda sempre falava um número alto na escala (8 ou 9) e introduzia alguma ideia alternativa, indicando que para ela a graduação não tinha relação com a ideia apresentada na pergunta. A terceira comparsa falava números extremamente altos (9 ou 10) e confrontava a primeira comparsa, seja sobre suas ideias (condição informacional) ou sua pertença/legitimidade (condição normativa). Os pontos na escala foram pareados com as ideias que eram apresentadas aleatoriamente a cada sessão e foram alternadas para metade das sessões ser um conjunto de pontuação de todas as comparsas e metade outra. Como dito anteriormente, o uso de comparsas tem um fundamento ético, que também atendeu a necessidade metodológica de criar uma posição coerente diacrônica e sincronicamente sem oscilação (Moscovici, 2011).

As comparsas eram estudantes de graduação em psicologia integrantes do grupo de pesquisa que acompanharam o desenvolvimento teórico e metodológico do estudo. A equipe de pesquisa ensaiou por cerca de um mês, tendo feito sessões de treino com

colegas para testar as falas e as micro reações. Elas lidam com algumas poucas intervenções de participantes reclamando de suas respostas e uns poucos opondo-se ao confronto estabelecido pela terceira comparsa, num sentido de defesa da primeira comparsa. Em todas essas situações elas permaneceram na personagem e seguiram os roteiros. O pesquisador pedia a todas as pessoas que participavam que mantivessem o foco em responder as perguntas com sua opinião ao mesmo tempo em que respeitassem a opinião das demais pessoas, sem nomear ninguém, e repetia essa demanda toda vez que fosse necessário.

### **Requisitos éticos**

Seguindo as diretrizes éticas, a pesquisa foi avaliada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências Naturais e Humanas da Universidade Federal do Espírito Santo, e foi aprovada no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) protocolada ao processo nº CAAE 44330221.1.0000.5542.

Todos os participantes preencheram virtualmente um TCLE no Google Formulários para acessar a sala virtual de pesquisa. Não houve recompensa para qualquer participante, o que é proibido pelas diretrizes éticas brasileiras (Resolução n. 466, de 2012, do Conselho Nacional de Saúde [CNS]). A participação foi, portanto, voluntária, gratuita e sua retirada poderia ser feita a qualquer momento, durante ou após a participação.

Os riscos envolvidos na participação foram mínimos, especialmente constrangimento e desconforto ou fadiga. Se qualquer participante exibisse sinais ou solicitasse algum tipo de auxílio, um protocolo seria empregado: primeiro, o pesquisador perguntaria de modo privado fora da sala virtual (via celular) se o participante gostaria de continuar ou se retirar da pesquisa; segundo, seria oferecido uma conversa com o pesquisador após a sessão; e terceiro, ao final da conversa ou em

sua recusa, seria oferecido o agendamento gratuito de uma sessão de acolhimento e avaliação de demanda com uma psicóloga clínica. Se qualquer etapa destas fosse empregada, o pesquisador manteria contato para verificar a necessidade de acompanhamento do participante.

No estudo de exemplo aqui relatado, dois participantes mostraram sinais de constrangimento, ninguém recusou participação devido a algum efeito de interação (somente relatos de problemas materiais, que serão comentados posteriormente) e somente um participante solicitou conversa posterior com o pesquisador, mas não quis o agendamento com psicóloga clínica, pois seu desconforto com a pesquisa desapareceu no dia seguinte.

O cuidado ético foi proposto especialmente devido ao uso de objetivos e procedimentos encobertos, pois título, objetivo e convite público omitiram o uso de comparsas e a natureza experimental da pesquisa. Os participantes não foram alvo de confronto, porque poderia ser potencialmente uma experiência emocional intensa, com chances de algum tipo de dano devido à pressão social. Assim eles seriam testemunhas de confronto entre as comparsas sem saber, sendo apenas revelado na conversa de pós-esclarecimento ao final.

Também devido a requisitos éticos no armazenamento de dados online com as exigências de segurança recentemente aprovadas no Brasil (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais – Lei Federal nº 13.709/2018), decidimos não gravar as sessões, porque a quantidade de dados e seu armazenamento seguro seria muito caro considerando a escassa estrutura material disponível para a pesquisa.

### **Características do experimento *online***

Conduzir um experimento *online* pode ter suas características distintivas em relação aos experimentos em pessoa e às diversas pequenas práticas geralmente feitas,

mas raramente compartilhadas em artigos de pesquisa. Os traços positivos e negativos serão apresentados e brevemente discutidos aqui, com respeito a: convite/recrutamento, agendamento/comparecimento e condução da sessão em grupo *online*.

### **Convite/Recrutamento**

Como já era tendência em nossa sociedade globalizada, as barreiras físicas e geográficas estão ficando menores e cada vez mais ultrapassadas. A pandemia de Covid-19 acelerou o processo de estabelecer trabalho, estudo e até mesmo lazer *online*. Muitas turmas e cursos foram adaptados para o modo online em algumas semanas, tentando mitigar as restrições de encontros presenciais. Essa adaptação facilitou a participação de alguns daqueles que eram excluídos de algumas atividades devido às condições de acesso inviáveis. Tal qual em aulas como em pesquisas, procedimentos *online* oferecem uma oportunidade para incluir em estudos participantes de outras localizações geográficas, provendo maior diversidade. Também, a população que pode ser convidada a participar é muito maior em pesquisas *online*, tornando mais fácil alcançar mais pessoas.

Por outro lado, um convite *online* concorre com a crescente e indesejável quantidade de informação que todos que acessam a internet encontram diariamente. Correio eletrônico indesejado, mensagens indesejadas e lixo eletrônico em redes sociais, assim como muitos convites para participar em pesquisas *online* no formato de questionários no Brasil, especialmente durante e sobre a pandemia, foram uma interferência que ajudou a resultar em baixas taxas de resposta, mesmo numa abordagem mais personalizada e direta para convite. Cerca de 200 (80%) de quase 250 estudantes contatados aceitaram ser convidados a participar da pesquisa. Dos convidados, cerca de 130 (65%) aceitaram o convite e tinham disponibilidade para agendamento. Quando o número máximo de participantes em um grupo era atingido no agendamento, uma

sessão de pesquisa era confirmada e mensagens eram enviadas a todas as estudantes de graduação em psicologia maiores de idade que aceitaram participar e tinham disponibilidade informando sobre o agendamento.

### **Agendamento/Comparecimento**

Após o agendamento, um lembrete era enviado pelo pesquisador 24h antes da sessão, solicitando ao participante confirmação da participação. Cerca de uma hora antes da sessão, o pesquisador enviava mensagem com o *link* do TCLE, como outro lembrete indireto para os participantes. Mesmo com essas medidas, aproximadamente 1 dos participantes confirmados a cada 2 sessões (10%) não comparecia como agendado. Alguns apareciam minutos ou mesmo horas depois, alguns explicavam sua ausência (questões de saúde, própria ou de parentes, eram a explicação mais comum), alguns paravam de responder por completo (e uma pequena parte aparentemente bloqueou o pesquisador impedindo conversas futuras). Para todas as pessoas que não compareceram foram oferecidas novas oportunidades de reagendamento e foi enfatizada a importância de participar devido à exigência de tamanho mínimo dos grupos.

O gerenciamento de convites e agendamento foi feito pelo pesquisador com o auxílio de um caderno e caneta. Inicialmente uma ferramenta de agendamento *online* foi testada, mas ela foi abandonada devido à percepção de que dificultaria a adesão de estudantes por adicionar outro passo para sua participação. Em outras palavras, o pesquisador tentou minimizar os esforços cognitivos dos participantes gerenciando todas as informações e focando convites e agendamento em apenas uma mídia de conversa por celular. O aplicativo *WhatsApp* foi utilizado porque é mais instantâneo, menos formal e mais acessível do que outros aplicativos para todos os participantes, sendo mais amigável.

### **Conduzindo a sessão em grupo**

Atividades em uma sala virtual também têm especificidades que moldaram o experimento, seja incrementando-o ou limitando-o. Dependendo de dispositivos eletrônicos para participar levou a situações de perturbação, interrupção, desconexão ou abandono do estudo devido a problemas técnicos ou sociais.

Os problemas técnicos em geral eram relacionados à energia elétrica ou à conexão de *internet*. Interrupções de energia elétrica ocorreram algumas vezes e levaram à exclusão dos dados de três participantes e de uma sessão, uma vez que o número mínimo de participantes não foi atingido dada a inesperada desconexão de um participante após o começo da sessão. A má qualidade dos fornecedores/provedores de internet foi notada com frequência, com instabilidades e algumas desconexões breves, mesmo do pesquisador. Embora as desconexões breves não tenham impedido qualquer sessão do estudo, elas fizeram as sessões mais lentas e algumas vezes geraram ruídos na comunicação, seja devido a impossibilidade de alguns participantes manterem suas câmeras abertas ou a constantes alertas de entrada/saída de participantes e conseguinte eventual necessidade de repetição de respostas para adequada compreensão. Falhas ou problemas com os dispositivos em si foram raras, geralmente sendo detectadas e resolvidas antes da sessão, quando o pesquisador pedia aos participantes verificarem seu equipamento ou quando liam o termo de consentimento que solicitava seu uso.

No domínio social, os participantes algumas vezes tinham de interagir com a sala virtual e com o contexto em que estavam situadas – membros da família, colegas de trabalho ou estudo, dependendo de onde cada um estava participando. A maioria dos participantes estava em ambientes adequados com boa luz e sem ruídos ou perturbações (como sugerido) e não houve interferência relevante, mas algumas vezes havia outras pessoas falando ou ruído ambiente que competia com uma boa escuta pelo ou do

participante – carros de propaganda na rua, reformas em casa e construções na vizinhança, participantes se alimentando durante seu intervalo de lanche ou almoço ou em deslocamento etc. Em alguns poucos casos, os participantes tiveram de se abster para resolver questões emergentes, como a campanha acionada ou seus filhos chorando em sua casa, um colega no trabalho ou universidade pedindo uma informação ou favor e assim por diante. Em cada um desses casos o pesquisador pedia novamente a resposta, pulava a vez da participante e perguntava novamente ao final ou simplesmente esperava a situação passar ou ser resolvida.

A última diferença para salientar é que a interação em sala virtual é limitada em informação quando comparada com uma sala presencial por diversas razões. Não há imersão ou novidade no ambiente, porque o local físico é o mesmo que o participante usa em suas atividades, não a sala de laboratório da universidade. A visão de outros participantes é de faces ou bustos em pequenas caixas com seus cenários de fundo diversos, às vezes peculiares, às vezes padronizados na plataforma, ao invés da vista da mesma sala física comum para todos e dos corpos inteiros. Tudo isso constitui um cenário com possibilidade de interferência, como falado acima, mas também diminui a informação na interação, porque expressões faciais e corporais são menos perceptíveis.

Estas características todas foram levadas em consideração quando a equipe do estudo criou o cenário social virtual e planejou seu funcionamento e mecanismos de confiabilidade da pesquisa para assegurar-se que estava adequadamente ajustado. Os resultados do experimento mostraram que a indução experimental funcionou e houve exercício de influência social minoritária por conta da ação das comparsas. Além disso, houve diversos comentários por parte dos participantes, principalmente após a interação no esclarecimento final (*debriefing*), mas também por escrito, elogiando a pesquisa e afirmando ter sido interessante participar de um experimento em psicologia social. A

surpresa, elogios pela atuação e algumas o riso ocorreram muitas vezes ao elucidar sobre a participação das comparsas ao final, o que contrastou com o padrão de apenas perguntas dos grupos sem comparsas.

### **Considerações finais**

O mundo virtual trouxe diversas novidades para a vida social, por suas características únicas, como a capacidade de conectar pessoas instantaneamente vencendo barreiras geográficas de forma inédita. Nessa nova arena social, contudo, os processos psicossociais continuam ocorrendo, muitas vezes de modo muito próximo ao mundo físico. Os próprios termos “virtual” e “real” são ainda limitados para exprimir as diferenças e semelhanças que há entre esses dois âmbitos da vida social, pois o que acontece no mundo virtual é também real, ainda que alguns fenômenos e atividades digitais sejam únicas e não tenham existência fora do virtual, no mundo físico, como elementos puramente digitais.

A característica virtual não desqualifica essa nova arena social, nem indica que nela não possam ocorrer processos psicossociais. Pelo contrário, é possível observá-los também no mundo virtual, inclusive os já estudados e consagrados processos de pensamento e polarização grupal, influência e identidade social (Oliveira et al., 2017, Thomas et al., 2020, Elsayed & Hollingshead, 2022). Como salientado por Oliveira et al. (2017), os fenômenos reais ocorrem também no mundo virtual e podem ser estudados por esse ou nesse meio, levando em conta as particularidades que os constituem.

Neste artigo, buscamos mostrar como é possível realizar pesquisa experimental em psicologia social de modo *online*. Apresentamos o estudo que por meio do mundo virtual exibiu como a influência social ocorre na relação intragrupal virtual, exemplificando a aplicação do método experimental para mensuração de um processo

psicossocial real. É preciso avançar nas investigações de processos psicossociais tanto por meio quanto no mundo virtual, pois a virtualização das atividades cotidianas é crescente e, aparentemente, irreversível para a maioria da sociedade. Ampliar a viabilidade dos experimentos em psicologia social também pode ter como efeito incentivar as pesquisas experimentais comportamentais, que têm um árduo aspecto prático e estão em declínio há décadas na psicologia (Dolinski, 2018), mesmo em pesquisas presenciais na área de influência (Pérez et al., 2022).

Na psicologia, pode-se utilizar pesquisas de modo *online* com a devida preparação para o mundo virtual. Essa adequação necessita ser discutida amplamente na área, que muitas vezes fica apenas no debate sobre recrutamento e composição de participantes dos estudos. Áreas como o ensino de cursos especializados e a clínica em psicologia parecem ter migrado rapidamente e com sucesso para o mundo virtual. Contudo, sabe-se que fenômenos e atividades grupais e coletivas têm sua dinâmica e funcionamento próprios, que exigem discussão para serem bem adaptados. Outras áreas, como a psicologia organizacional e do trabalho podem obter vantagens no mundo virtual, possivelmente com contribuições de pesquisas para compreender suas mudanças.

Na área de pesquisa em psicologia, e mais amplamente nas ciências humanas, testemunhamos os estudos online se multiplicarem na pandemia. Muitas abordagens metodológicas estão passando por adaptações para possibilitar a investigação virtual dos fenômenos para os quais foram desenvolvidas. Nos perguntamos: estamos a observar uma possível nova era metodológica, na qual em breve teremos métodos próprios para a pesquisa psicossocial no mundo virtual? O que devemos esperar para os métodos do futuro virtual e real?

## Referências

- Abric, J-C., Faucheux, C., Moscovici, S., & Plon, M. (1967). Rôle de l'image du partenaire sur la coopération en situation de jeu. *Psychologie Française*, 12, 267-275.
- Asch, S. E. (1951). Effects of group pressure upon the modification and distortion of judgements. In H. Guetzkow (Ed.), *Groups, leadership and men*. Carnegie Press.
- Beserra, R. B. (2019). Identidade no mundo virtual. *Psicologia Revista*, 28(2), 468-485.
- Brasil. (2018). *Lei Federal nº 13.709, de 14 de agosto de 2018*. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm)
- Comitê Gestor da Internet no Brasil. (2022). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC domicílios 2021*.
- Conselho Nacional de Saúde (CNS). (2012). *Resolução nº 488/12*. <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
- Cucinotta, D., & Vanelli, M. (2020). WHO Declares COVID-19 a Pandemic. *Acta Bio Medica Atenei Parmensis*, 91(1), 157-160. <https://doi.org/10.23750/abm.v91i1.9397>
- Drozda-Senkowska, E. (2015). *Psychologie sociale expérimentale*. Armand Colin.
- Dolinski, D. (2018). Is Psychology Still a Science of Behaviour? *Social Psychological Bulletin*, 13, e25025. <https://doi.org/10.5964/spb.v13i2.25025>
- Elsayed, Y., & Hollingshead, A. B. (2022). Humor Reduces Online Incivility. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 27(3). Oxford University Press (OUP). <https://doi.org/10.1093/jcmc/zmac005>

- Fior, C. A., Mercuri, E., & Almeida, L. S. (2011). Escala de interação com pares: construção e evidências de validade para estudantes do ensino superior. *Psico-USF*, 16(1), 11-21. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712011000100003>
- Lo Monaco, G., Piermattéo, A., Rateau, P., & Tavani, J. L. (2017). Methods for Studying the Structure of Social Representations: A Critical Review and Agenda for Future Research. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 47(3), 306-331. <https://doi.org/10.1111/jtsb.12124>
- Moliner, P. (1988). Validation expérimentale de l'hypothèse du noyau central des représentations sociales. *Bulletin de Psychologie*, 41(387), 759-762.
- Moscovici, S. (1984). The phenomenon of social representations. In R. Farr & S. Moscovici (Eds.), *Social representations* (pp. 3-69). Cambridge University Press.
- Moscovici, S. (2011). *Psicologia das minorias ativas*. Vozes.
- Moscovici, S., Lage, E., & Naffrechoux, M. (1969). Influence of a consistent minority on the responses of a majority in a color perception task. *Sociometry*, 32, 365-380.
- Oliveira, F. C., Rocha, J. P. D. C., Nascimento, I. F. G., Naiff, L. A. M., & Ávila, R. F. (2017). Novas páginas de pesquisa em Psicologia Social: o fazer pesquisa na/da internet. *Psicologia e Saber Social*, 6(2), 186-204.
- Pérez, J. A., Molpeceres, M., Ghosn, F., & Chulvi, B. (2022). Minority Influence in a Society of Victims. *Asian Journal of Sociological Research*, 6(3), 49-61. <https://globalpresshub.com/index.php/AJSR/article/view/1574>
- Prislin, R., Crowder, M., & Donnelly, K. (2017). A case for diversity in research on minority influence. In Papastamou, S., Gardikiotis, A., Prodromitis, G. (Eds.).

*Majority and Minority Influence: Societal Meaning and Cognitive Elaboration.*  
Routledge.

Rocha, P. C. S., Jucá, S. C. S., & Silva, S. A. (2019). A evolução das Tecnologias da Informação e Comunicação na perspectiva de Touraine, Bell e Castells. *Research, Society and Development*, 8(5), 1-12.

Rosa, G. A. M., Santos, B. R. D. & Faleiros, V. D. P. (2016). Opacidade das fronteiras entre real e virtual na perspectiva dos usuários do Facebook. *Psicologia USP*, 27(2), 263-272. <https://doi.org/10.1590/0103-656420130026>

Schachter, S. (1959). *The Psychology of Affiliation: Experimental Studies of the Sources of Gregariousness*. Stanford University Press.

Sherif, M. (1937). An Experimental approach to the study of attitudes. *Sociometry*, 1, 90-98.

Tajfel, H. (1970). Experiments in intergroup discrimination. *Scientific American*, 223(5), 96-103.

Thomas, E. F., et al. (2020). ‘That’s not funny!’ Standing up against disparaging humor. *Journal of Experimental Social Psychology*, 86, 103901. <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2019.103901>

Triplet, N. (1898). The dynamogenic factors in pacemaking and competition. *The American journal of psychology*, 9(4), 507-533.

Wolter, R. P. (2018). The Structural Approach to Social Representations: Bridges between Theory and Methods. *Psico-USF*, 23(4), 621–631. <https://doi.org/10.1590/1413->